
MS. WILKINSON CALLED ME NEPHEW
BLADEFREGA

A SENHORITA WILKINSON ME CHAMOU DE SOBRINHO

É um domingo quente, 23 de agosto de 2026, parecido com tantos outros.

Um almoço rápido não é uma concessão, mas um ritual. Um breve descanso à tarde é uma exceção, concedida apenas para permitir que os níveis anormalmente altos da produção matinal de dopamina voltem ao normal depois de um acontecimento inesperado: hoje, o Bing colocou uma das minhas páginas na primeira posição da web para uma busca ligada à minha mãe, a Gillette.

Do segundo lugar, meu avô observa, e sorri.

Não parece zangado.

Hoje também descobri que King Camp Gillette deixou este mundo em 9 de julho de 1932.

No instante em que li a data, quase pulei da cadeira.

O meu projeto, gillettenarrative.com, nasceu em 9 de junho de 2026.

Noventa e quatro anos depois da morte dele.

E, segundo os acordos que fiz comigo mesmo, trinta e três anos antes da minha própria partida, planejada para 2058.

Quando as datas começam a convergir, quando passam a se encaixar com uma precisão inesperada, somos tentados a acreditar que talvez haja outro algoritmo em ação—um algoritmo cuja aparência pouco se assemelha à daqueles a que nos acostumamos.

Como sempre em momentos assim, quem me acompanha é o jazz em língua inglesa.

É a única música que a minha mente recebe com naturalidade, agora que os violões e os bandolins da minha família se calaram pelas leis comuns da natureza.

Então abro o meu e-mail.

Um golpe seco chega direto ao coração.

Samantha escreve de Londres.

É a neta da senhorita Wilkinson.

Minha tia Maggy.

A dama das espadas cruzadas.

A mulher que, não faz muito tempo e diante da família inteira, me chamou de sobrinho.

A mensagem dela é simples.

A senhorita Maggy Wilkinson faleceu.

Por desejo dela mesma, que me conhecia o bastante para prever a minha reação, a notícia só foi dada depois do sepultamento.

Somos ingleses.

Uma lágrima encontra o seu lugar.

A morte nunca é uma coisa bonita.

É simplesmente algo que a gente nunca espera de verdade.

Entre todas as mulheres que conheci na vida, essa tia adotiva ocupou apenas um breve capítulo.

Mas o seu papel foi essencial.

Ela me ajudou a entender que a aristocracia não se encontra exclusivamente nos títulos, nos brasões ou nos privilégios herdados.

Ela existe nas maneiras.

Existe no comportamento.

Existe naquela qualidade que os falantes de inglês costumam chamar de aplomb.

Há uma palavra mais simples para isso.

Classe.

Escrevo esta carta para ela.

Para a família dela.

Para mim mesmo.

Para cada leitor que um dia chegar até aqui.

E começo com uma única frase, guardada de cor:

Somos o que somos por causa das pessoas que encontramos, e ninguém pode tirar isso de nós.

A literatura médica muitas vezes abusa de uma autoridade concedida de bom grado por pacientes que precisam de certezas.

Com frequência nos diz o que é conveniente.

Com menos frequência, o que é importante.

Dizem que as crianças, do nascimento aos cinco anos de idade, não têm lembranças.

Que não conseguem retê-las porque as estruturas cognitivas necessárias ainda não se desenvolveram.

Segundo essa teoria, cada um de nós deveria carregar cinco anos de escuridão.

E, no entanto, eu me lembro dos tapas da minha mãe.

Eu me lembro dos tapas das minhas professoras do jardim de infância.

Não me lembro dos números.

Começavam pares e nunca terminavam ímpares.

Os golpes que recebemos quando adultos funcionam mais ou menos do mesmo jeito.

Ninguém os conta.

A memória não os arquiva como estatística.

Ela os deposita em silêncio dentro da alma.

E, anos depois, os saca em forma de escrita.

Adeus, tia Maggy.

Que você seja bem recebida onde quer que a sua viagem agora continue.

As espadas permanecem cruzadas até o dia em que você passar por baixo delas.

Adeus.

Seu sobrinho.

Nando, o Escriba

Ferdinando